

## **O Jornalismo na Transição do Século XIX para o XX. O Caso do Diário *Novidades* (1885-1913)**

---

*Rogério Santos*

Universidade Católica Portuguesa

### *Resumo:*

O texto traça o percurso do jornal *Novidades* e dos seus principais responsáveis, tais como Emídio Navarro, José Barbosa Colen e Eduardo Noronha. Naquela época os jornais tinham ainda ligações partidárias bem marcadas. Emídio Navarro vinha do Partido Progressista, um dos partidos do Governo, cortando pouco a pouco as ligações políticas e ideológicas a esse Partido, para fazer um jornal mais neutro e objectivo, apesar de ter passado, entretanto, pelo poder como Ministro. Profissionalização e formação, o ambiente de uma Redacção no fim do século XIX e censura constituem alguns aspectos analisados neste texto.

### *Palavras-chave:*

Jornalismo; História; Sala de Redacção; Profissionalização.

## **1. Introdução**

*“ – Ali se fazem e desfazem ministérios! – dizia-me, uma vez, um amigo meu, quando subíamos o Chiado, apontando para a casa ocupada pela redacção do jornal Novidades.*

*“ – Singular condão o dessa gazeta! – respondi eu com um pronunciado sorriso de incredulidade (Noronha, 1913a: 11).*

No princípio do século XX, havia quem olhasse o jornalismo como ciência e arte (Veloso, 1910: 6) ou mesmo arte liberal (Veloso, 1911b: 8), em especial aplicada a profissionais como Emídio Navarro, que congregavam “talento,

ilustração variadíssima, virtualidade de trabalho indefeso, e organização bem fadada, pujante e intemerata de jornalista”. Aliás, Rodrigo Veloso, numa série de textos sobre jornalistas de finais do século XIX e começos do século XX, traça um quadro retórico, poético e laudatório, como aqui se mostra:

“[como] jornalista foi ele [Emídio Navarro] o primeiro entre nós, nos tempos em que e por que terçou incansada e gloriosamente na imprensa, sendo cúspide e remate incomparável da obra neles realizada por tantos brilhantes batalhadores à lide então entrados, entre os quais bem assinaláveis Mariano de Carvalho, António Enes, Barbosa Colen e outros, e seu exemplo e lição constituirão para longos e dilatados tempos, no futuro, luseiro perdurável e mui radiantíssimo guia e norte instrumentivos e seguros” (Veloso, 1910: 8).

Fixemos os nomes mencionados – Emídio Navarro, Mariano de Carvalho, António Enes, José Barbosa Colen – e acrescentemos Eduardo de Noronha. Movimentamo-nos em torno do jornal *Novidades*, com excepção de Mariano de Carvalho que escreveu noutros jornais e dirigiu o *Diário Popular*, e alguns deles no *Correio da Noite*, órgão do Partido Progressista. É por este pequeno círculo de jornalistas e homens de cultura tardo-oitocentista, identificados com os valores da monarquia constitucional apesar de marcados pela pressão das ideias republicanas, que giraria muita da informação política de finais do século XIX, em período de convulsões sociais e mudanças frequentes de Governo. O artigo de fundo editado no número 4 das *Novidades* indica tal perspectiva: “O republicanismo português não é um partido: para tanto basta ver a qualidade dos chefes. É, porém, uma doença, um tumor, que vai lavrando e dum dia para o outro pode atacar gravemente este jardim da Europa à beira-mar plantado” (*Novidades*, 9 de Janeiro de 1885).

Então, dominavam na imprensa os artigos de fundo e as “notas soltas” (“suelos”) ou casos do dia, aquilo em que “frequentemente qualquer boa intenção se desmoronava com quatro linhas em letra de forma, corrosivas sempre, e a que nada resistia” (Barros, 1944: 11). Muitos dos jornais sofriam influência partidária e empregavam redactores políticos: se o *Progreso* se ligava ao Partido Progressista, para o qual Emídio Navarro entrara após chegar a Lisboa, e o *Correio da Noite* procurou a independência partidária mas acabou por nela se envolver, as *Novidades* representaram o mais sincero corte com essa órbita. Isto apesar da identificação política de Emídio Navarro (director em 1885-1891 e 1895-1905) ou de Melo Barreto (director do jornal a partir de 1907) enquanto ministro aquele ou deputados os dois. Do primeiro, escreveu Cayolla (1929: 147):

“Continuava [Navarro] contudo ligado a uma estreita disciplina partidária. O seu espírito conservava-se rebelde e o seu temperamento era tão pessoal e independente, que não podiam tolerar qualquer peia ou

submissão. Por isso, um dia saiu do jornal, a que conseguira, com o prestígio da sua pena, uma grande tiragem e foi fundar as *Novidades*, entrando na era mais decisiva e gloriosa da sua acção na imprensa”.

Não se pode escamotear aqui o elogio a Emídio Navarro, como acima Veloso (1910), já que Lourenço Cayolla (1863-1935), jornalista, professor, oficial do exército e escritor, foi igualmente filiado no partido Progressista<sup>1</sup>. O mesmo escritor, enquanto apresentava o *Diário de Notícias* como um jornal quase de anúncios, “com um reduzido texto exclusivamente noticioso”, mostrava as *Novidades* como se tendo tornado, “em pouco tempo, o jornal predilecto e o mais apreciado dos intelectuais, dos artistas, dos meios mundanos e dos políticos” (Cayolla, 1929: 147).

Em esboço, tínhamos então três tipos de jornais – partidário, comercial e aquele que combinava interesses comerciais, políticos e culturais. O jornal *Novidades* ficava mais perto desta última estrutura, a mais correcta em finais de regime político.

O objectivo a desenvolver nas próximas páginas é responder a: quem são os jornalistas de finais do século XIX? O que escrevem? Que jornalismo havia neste período de transição de século e de regime político? Em termos de hipóteses teóricas de resposta, avançam-se as seguintes: 1) jornalismo de transição, de modelo centrado na política partidária para a constituição de uma forma de jornalismo preocupada com a procura do facto e sua análise distanciada, 2) com novos géneros jornalísticos como a reportagem em detrimento da prosa retórica e feita com muitos pontos de exclamação e de interrogação, e 3) em fase de profissionalização do jornalismo, a que não são alheias as associações de classe.

Como suporte prático, o texto percorre fundamentalmente a carreira de dois jornalistas, Emídio Navarro e Eduardo de Noronha, director e secretário de redacção das *Novidades*. Para tal, socorremo-nos de alguma bibliografia publicada por outros autores e pelas memórias e alguns romances escritos por Eduardo de Noronha (1911, 1913, 1913a) – alertando, porém, para a quase permanente apologia da classe jornalística face aos seus membros mais notabilizados –, assim como na leitura do próprio diário, ao longo da sua primeira série (1885-1913), que acompanha quase todo o período político após Fonte Pereira de Melo até pouco depois da implantação da República.

Como pontos fulcrais do texto, analisam-se o primeiro editorial e outros editoriais marcantes no jornal, bem como os géneros jornalísticos e secções e a redacção e a sua hierarquia profissional.

## 2. Marcas identitárias de um jornal

“ – Olha as Novidades, que saíram agora!

“ – Quem quer as Novidades?” (Noronha, 1913a: 340)

Um jornal define-se a partir da sua linha editorial mas também das causas que abraça e do modo como escreve as notícias e faz a sua análise. Da leitura dos seus editoriais, encontram-se três momentos fundadores do jornal durante a primeira série (1885-1913). O primeiro vem no editorial inicial (“Apresentação”, *Novidades*, 7 de Janeiro de 1885), assinado por Emídio Navarro, o seu director, nome que só se veria estampado no jornal após o seu regresso de actividades diplomáticas em 1895. Insere-se aqui a totalidade do editorial:

“Este jornal apresenta-se ao público sem programa. Um programa pressupõe um ideal definido, e, no momento actual, não o tem a sociedade portuguesa. Todos nós, os que lidamos neste marulhar de águas turvas e revoltas, a que se chama política, navegamos um pouco à mercê dos ventos encontrados, em demanda de ignotas pragas, sem sabermos que perigos e que tempestades nos esperam detrás dos cerrados horizontes! Vamos para o desconhecido.

“Não fazendo programa, trabalharemos por ter uma história. É uma ambição grande, que talvez pareça afirmação de vaidades e orgulhos. É grande, sim; mas é ambição legítima em todos os homens de boa vontade e coração limpo, como o são aqueles que se juntaram para esta empresa.

“Se este jornal pudesse ter programa, tirá-lo-ia do seu próprio título. *Novidades* – coisas novas, vida nova. Encontrar-se-ão aqui nomes das mais diversas procedências, chamados, uns, por amigável convívio, ao campo neutro das ciências, das artes e das letras; atraídos outros a uma cooperação de armas pelos alvares duma orientação comum, que desponta e se acentua. Por ora, somos apenas um pequeno agrupamento. O nosso esforço será aplicado a convertê-lo numa falange.

“A todos os nossos colegas da imprensa, sem distinção de cores e bandeiras, as nossas mais cordiais saudações. Os próprios adversários quando são dignos e se prezam, cumprimentam-se antes de cruzar o ferro, para que o vencido possa apertar sem ódio as mãos do vencedor! Aos nossos leitores, ao público, os protestos da nossa reverência e acatamento. Ela é a grande majestade anónima, que ainda se julga vilipendiada e envilecida, domina sobre todas as outras!”.

A ausência de linha programática devia-se, nas palavras do director, a igual ausência na sociedade portuguesa. Isso provava, afinal, um objectivo preciso do jornal: encontrar um horizonte para o país. Como prova desse editorial, as *Novidades* apareceram com uma marca própria, conferida pela personalidade

do seu fundador, Emídio Navarro. Apesar da simpatia deste pelo Partido Progressista, o jornal não combateu pela sua bandeira, mas aglutinou ideais monárquicos radicais com a defesa de valores da Igreja Católica, mantendo a sua oposição ao republicanismo.

A linha de orientação que se assinala seria visível na querela estabelecida com o *Século* a propósito do caso do convento de Trinas (27 de Julho de 1891 em diante). Uma das meninas internas desse convento falecera, correndo o boato de ter sido envenenada após violação. Dentro da postura republicana, o *Século* aproveitou para fazer campanha contra as ordens religiosas. As *Novidades* encetaram uma de orientação contrária, com a edição de artigos de fundo ao longo de vários dias, num óbvio agendamento do assunto. Um deles, com o título “Jacobinice”, abria deste modo:

“Quem tenha seguido a campanha difamadora que o *Século* e outras gazetas levantaram contra a educação em institutos religiosos, e ao mesmo tempo conheça o que os mais modernos criminalistas pensam e escrevem sobre o assunto, terá uma impressão bem dolorosa sobre o estado de adiantamento das ideias em Portugal. Com uma ignorância absoluta da ciência moderna, com um desconhecimento completo dos factos comprovados por estatísticas eloquentíssimas, todo o sujeito que a incompetência para mister mais útil traz para a imprensa política, pavoneia com orgulho e jacobinismo da sua intransigência religiosa, e cuida ser um grande liberal e um grande pensador, logo que faça alarde das heresias doutrinárias, que fizeram o seu tempo nos fins do século passado” (*Novidades*, 24 de Agosto de 1891).

O segundo momento fundamental do jornal é a 21 de Agosto de 1905, após a morte de Emídio Navarro. De novo como director, José Barbosa Colen escrevia na parte final do seu editorial: “Não tenho, pois, que fazer programa – tenho que cumprir obrigações que indeclinavelmente a todos se estão impondo. No seu desempenho, porém, não me prenderá nem a atitude que aqui tenha sido mantida com as pessoas, nem as opiniões que aqui tenham sido desenvolvidas a respeito dos assuntos em debate. A morte não pode prender a vida. As *Novidades* hão-de, pois, conciliar o respeito que devem ao seu fundador, com a independência de opiniões que o seu actual director para si estabelece”.

Em todo o longo artigo desta “Apresentação”, Colen reflectia o editorial do primeiro número, em que Navarro escrevia não ter um programa para o seu jornal. Havia uma ligação forte entre os dois, com Colen a ser colaborador de Emídio Navarro nos jornais *Progresso*, *Correio da Noite* e *Novidades* (de que foi igualmente fundador) e secretário no ministério aquando da passagem daquele pelas Obras Públicas, como reconhece em texto editado por ocasião do falecimento do director fundador:

“Uma tarde, em vésperas do Natal, Emídio Navarro chamava-me, num lacónico telegrama, para preencher uma vaga na redacção do *Correio da Noite*, que, dois anos antes, ele fundara e agora era redigido por António Enes. Vim logo. A atracção dominadora com que a sua grande individualidade se me impôs, logo ao primeiro encontro, firmou-se e desenvolveu-se com o progressivo conhecimento e apreciação das suas qualidades de carácter” (*Novidades*, 17 de Agosto de 1905).

Desta vez, porém, Barbosa Colen permaneceria menos tempo à frente das *Novidades*. O esfrangalhamento do regime monárquico, com os seus períodos de censura à imprensa, levou-o ao abandono da direcção do jornal. O último jornal ostentando o seu nome foi o de 4 de Setembro de 1907, altura em que foi suspenso pelo governador civil de Lisboa. O número seguinte editava-se duas semanas depois, com Melo Barreto a progredir de secretário de redacção a director e a propriedade do jornal a passar para Higinio de Mendonça, que o deteria até 1921<sup>2</sup>. Após o elogio do director cessante, Melo Barreto escreveria:

“As *Novidades* mantêm a situação de independência, nas questões gerais da política, que lhes assegurou o favor público e que constitui a sua força primacial. Quanto ao ministério que, actualmente, está no poder, que tem renegado todas as afirmações liberais do seu chefe e cuja administração acaba por ser coroada pelo decreto dos adiantamentos, encontrará, como até aqui, as *Novidades* a combatê-lo, se não com o antigo brilho, pelo menos com a energia que nos dá a convicção dos perigos que a sua gerência há-de, fatalmente, trazer para o país e para as instituições. O passado do novo director deste jornal como redactor político das *Novidades* e a sua acção parlamentar como deputado opositor na última legislatura, são garantias do desassombro com que continuaremos a combater o governo que fez da monarquia constitucional portuguesa uma instituição absolutista incompatível com as aspirações de um povo livre ao alvorecer do século vinte” (*Novidades*, 18 de Setembro de 1907).

Deste terceiro editorial, tão refundador como o escrito após a morte de Emídio Navarro, retiro as ideias de “oposição ao ministério”, “deputado opositor” e “redactor político”, todas coladas a Melo Barreto, em linguagem jornalística extrema, a qual amaciara no tempo de Barbosa Colen como director. Aliás, a um período inicial de conhecimento e ampliação de influência, o jornal legado por Colen ao seu director inicial, Emídio Navarro, em 1895, marcou o período mais equilibrado, objectivo e economicamente viável do diário. A passagem de Colen pelo mundo das empresas (foi director da Companhia de Carris de Ferro de Lisboa) fez dele um gestor pragmático, o que aplicou ao jornal. A partir de 1907, o jornal

perdeu peso e o começo da Primeira República reduziu inexoravelmente a sua importância até chegar ao fim.

### 3. Secções e géneros jornalísticos

“Logo que venha o armistício, voltaremos à primitiva distribuição de matérias, com os *casos do dia* em seguida aos artigos editoriais, secção literária (escolhida) na última coluna a voltar para a segunda página, etc., e estrangeiro variado, na segunda página” (carta de Emídio Navarro a Eduardo de Noronha, in Noronha, 1913a: 378).

Quais os elementos principais de um jornal e como reagia o seu público-alvo? Por uma descrição de Noronha (1913a: 89-90) sobre as *Novidades*, percebe-se esse mundo de finais do século XIX:

“Nas *Novidades*, conjugaram-se a política, a informação de toda a espécie, muito cuidada, com um cunho especial literário, e a primorosa colaboração, para as realçar dos outros colegas. Os políticos aguardavam cheios de ansiedade a polémica vibrante de Navarro e analisaram palavra a palavra no texto e nas entrelinhas os seus relatos do Parlamento, extractados com admirável e precisa concisão, e que valiam tanto como os dos melhores taquígrafos, mas não deixavam de ler com igual interesse os acontecimentos quotidianos das ruas e, de Páscoas e Ramos, a prosa e a poesia. As senhoras manifestaram logo tão decidida predilecção pela gazeta que o seu triunfo estava definitivamente assegurado, sobretudo devido ao *Carnet Mondain*, vitória nos anais jornalísticos tão completa como a de Austerlitz nos fastos napoleónicos” (Noronha, 1913a: 89-90).

No último quartel do século XIX, a imprensa iniciava, quase em simultâneo, a massificação e a profissionalização. Os editoriais diários, designados por artigos de fundo, funcionavam como o espaço principal dos jornais, aglutinando opinião e comentário aos acontecimentos mais candentes, nomeadamente a política. Os casos do dia (a que se ligava já o valor-notícia de acontecimentos de interesse público ou raro e inédito) e as notícias ou rumores da vida mundana da aristocracia e do círculo próximo do poder político constituíam outros pólos de interesse a inserir na primeira das quatro páginas habituais do jornal. Também algumas notícias vindas do estrangeiro, veiculadas pela agência Havas, podiam ocupar algumas linhas na página nobre. Ao invés, a última página era comercial, plena de publicidade, hábito que vinha de muito tempo atrás.

Embora não surgisse com tanta nitidez como hoje, poderemos distinguir a prosa publicada nos jornais de finais do século XIX dentro do perfil de géneros

e secções jornalísticas. Muito do trabalho do jornalista era o artigo de fundo, às vezes entremeadado com afazeres políticos. Essa era a ocupação diária de Emídio Navarro, director das *Novidades*, como se destacará no ponto 4 deste texto.

No período em que Barbosa Colen foi a primeira vez director das *Novidades* (1891-1895), inaugurou-se a secção chamada “Casos do dia” (28 de Abril de 1892). Críticas a medidas parlamentares, discussão de temas suscitados na época – ou através da ocorrência não prevista de factos ou pelo agendamento de grupos de interesse – e polémica com outros jornais ou entre leitores conhecidos da direcção do jornal preenchiam essas duas secções dos artigos de fundo, dos casos do dia e das notícias soltas. Havia também “críticas de teatros, apreciações de óperas, *compte-rendus* de concertos, distribuição de bilhetes de espectáculo, talvez o lugar nos jornais que desperta maior soma de invejas, de tudo se incumbira desde a fundação da gazeta” (Noronha. 1913a: 341).

Se o artigo de fundo ocupava um lugar destacado na primeira página, durante a maior parte da existência do jornal, outra rubrica importante foi a coluna de mundaneidade, o “Carnet Mondain”, com igual ou maior destaque na maior parte da vida do jornal. Nos primeiros anos, ocupava geralmente uma das cinco colunas da primeira página. Por exemplo, no primeiro número, para além de uma descrição pormenorizada do baile de madame Arapoff, havia a indicação dos aniversariantes do dia seguinte, relevando uma hierarquia social forte e ligada à aristocracia.

Já na passagem do século, o “Carnet Moundain” passava para a segunda página, muitas vezes não ocupando uma das sete colunas com que se organizara o jornal. A 30 de Outubro de 1904, a primeira informação da coluna era a assistência “elegante de ontem, à noite, no Sporting Clube de Cascais”. E, na edição de 17 de Setembro de 1906, a secção tinha somente dez linhas, noticiando a ida da rainha às Caldas da Rainha em automóvel e regresso no mesmo dia por comboio até ao Cacém, onde apanhou um automóvel até Sintra. A perda de peso relativo da secção no desenho do jornal seguiu a quebra de importância da referida aristocracia nobre, à medida que a opinião pública expressava crescentemente as convicções republicanas, as quais poriam em causa o modelo de cultura elitista em volta das *soirées*, das festas e dos encontros mundanos.

Ao contrário do editorial, a secção “Carnet Moundain” e a coluna “Casos do dia” eram mais factuais. Após os primeiros anos de actividade do jornal, com um tipo de relato muito combativo, ficando bem no artigo de fundo ou de opinião, o centro da discussão passou para a coluna “Casos do dia”, onde se relatavam episódios da política governamental, passando a coluna da esquerda para convidados ou autores que enviavam, de sua iniciativa e frequentemente a coberto de pseudónimo, artigos que acabavam por ser publicados. Conta Noronha (1913a: 209) que

“Os primeiros casos do dia podiam considerar-se uma espécie de desdobramento do artigo de fundo. Lê-los hoje significa como passear pelos bastidores da política. Todos colaboravam mais ou menos nessa secção. Ali se registavam os acontecimentos noticiosos dignos dessa honra, mas o seu mais requintado sabor era a *piada*, da alusão, da carapuça, escrita quase sempre em tom faceto e algumas vezes até em verso”.

O folhetim era outra secção com lugar fixo no jornal. Na realidade, se olharmos os títulos dos folhetins ao longo da existência da primeira série das *Novidades* (1885-1913), há uma regularidade da presença de Alexandre Dumas, que, assim, entusiasmou uma geração de leitores e preparou as seguintes. Por exemplo, em Julho de 1906, mesmo depois do falecimento do fundador do jornal, o romance de Dumas tinha o título de *Os mil e um fantasmas*. Enquanto director, Emídio Navarro

“Manifestava singular simpatia por Alexandre Dumas pai, e de todas as obras deste a que saboreava com mais requintado gosto era o romance *Os três mosqueteiros*. Principiou a publicação desse folhetim a 17 de Janeiro de 1894, seguiu-se-lhe a continuação *Vinte anos depois* e, mais tarde, *O visconde de Bragelonne*. Mais de uma dúzia de anos campeou o nome do espirituoso romancista francês no rodapé, como se chama no Brasil, das *Novidades*, umas vezes de *bota alta*, outras de *bota baixa*, na expressão da gíria jornalística conforme as talhadas do folhetim são compridas ou curtas” (Noronha, 1913a: 334-335).

Ao mesmo tempo, Emídio Navarro chamava a atenção para rubricas em excesso ou mal distribuídas: “Uma delas é o abuso dos *reclamos*, especialmente de teatro que aparecem semeados pela segunda e terceira página do jornal. É necessário que essa excrescência desapareça *por completo*. Isso prejudica o jornal, sem aproveitar aos *reclamados*, porque o abuso do reclamo tira a este toda a importância, sobre desacreditar o jornal, que se presta a esse vazadouro de bastidores” (Noronha, 1913a: 364).

Aqui, detectam-se duas tendências distintas: a uma vertente literária e política, mais consoante ao gosto de Navarro, opunha-se o reconhecimento do crescimento da publicidade, certamente importante para o funcionamento do jornal. A publicidade foi adquirindo maior centralidade: inicialmente, o jornal tinha quatro páginas impressas, sendo a última ocupada totalmente pelos anúncios. Já no dobrar do século XX, cada edição do jornal aumentava para seis páginas, ocupando a publicidade as duas últimas e, com frequência, ganhando espaço nas páginas 3 e 4. Ela regia-se por padrões muito diferentes dos actuais, tendo o texto um peso maior face à imagem (gravura, caricatura). Como a fotografia ainda não triunfara nos jornais, as imagens eram de fraquíssima qualidade, a partir de

litografias. A cor estava longe de entrar nos jornais. Filetes e linhas eram quase a única distinção entre notícia e publicidade. Sem pretender hierarquizar os tipos de anúncios, eles referiam-se a navegação (partida e chegada de barcos), alimentação, actividades industriais, abertura de espaços comerciais (caso dos Armazéns do Chiado, inaugurados a 12 de Novembro de 1894), serviços (telefones, electricidade, seguros, banca, lojas de moda, livrarias) e anúncios do Estado (obras públicas). Eram marcas e produtos denotando uma Lisboa comercial e com alguma indústria dentro da cidade, a alargar os seus domínios a norte da praça Marquês de Pombal, afastando-se do rio.

A secção “Ciências, Artes e Letras” surgiu logo no primeiro número (terceira página, na coluna à esquerda). Na edição de 20 de Janeiro de 1885, o articulista regozijava-se da qualidade das colaborações até então: Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Eça de Queirós, Alberto Braga e Maria Amália Vaz de Carvalho, entre outros. Conquanto esse espaço para as artes e letras, deu-se ainda mais relevo na secção “Letras” (2 de Janeiro de 1898): “Vamos criar uma secção nova – *Letras* –, destinada a continuar o passado literário deste jornal. A nova secção inserirá, além de artigos assinados, umas notas relativas ao movimento das letras em cada semana” (Noronha, 1913a: 344). Actualizando-se face a outros diários, o jornal criava um espaço especial, as letras, com sinalização visual mais precisa. Armando Navarro, filho do director e licenciado em direito, era o responsável, associando-se nomes como Antero de Figueiredo, Henrique de Vasconcelos, Júlio Dantas e Júlio Brandão.

No período estudado, ainda não existiam reportagens, estudos de investigação ou entrevistas como hoje se apresentam, notando-se uma lenta estabilização quanto à terminologia jornalística. Por exemplo, na edição das *Novidades* de 3 de Agosto de 1906, escrevia-se a palavra *entrevista* (até finais do século XIX, a palavra usada fora *interview*). Também se grafava “*compte-rendu* de uma palestra amena”, no sentido de relato de entrevista. Quando surgia a palavra “*inquérito*”, ela fazia a reconstituição de um acontecimento, caso do 31 de Janeiro de 1891, seguindo uma grelha narrativa do romance: descrições intervenientes, discurso directo, análise psicológica, dramatização de situações. Estávamos ainda no domínio do jornalismo literário.

#### 4. As actividades jornalísticas dentro da escada profissional

*“Eça de Queirós, quando residia em Lisboa, demorava-se quotidianamente algumas horas na redacção das Novidades. Palestrava, narrava factos, comentava sucessos, desfechava um dito a propósito, sabia milhões de anedotas, numa palavra, ouvi-lo era um encanto. Um dia pede-me:*

“– Ó Noronha, você põe no *Carnet Mondain* a notícia de que fulanas e sicranas chegaram a Lisboa.

“– Meu caro doutor, o senhor que há tanto tempo não escreve uma linha para o jornal, tem aí pena e papel. Os tipógrafos hão-de exultar de compor a sua bela prosa – retorqui a rir.

“– Não exultam muito porque a minha caligrafia é péssima – retrucou Eça ajeitando o típico monóculo – mas lá vou redigir esse artigo de fundo” (Noronha, 1913a: 346).

O agendamento de ocorrências e a programação do jornal na véspera não faziam parte do trabalho quotidiano do jornal, com a sua rotina inerente. Cada número tinha, assim, uma forte dose de improvisado. Claro que os géneros e secções jornalísticas eram cultivados enquanto se processava uma lenta mas afirmativa escada profissional, constituída por redactores, secretário de redacção, editor, director, numa distribuição de funções e poderes próprios. É Acúrcio Pereira que descreve a importância do cargo de secretário de redacção, que Eduardo de Noronha (entre outros) desempenhou no jornal *Novidades*<sup>3</sup>:

“Stephane Lausanne que, durante anos, foi chefe de redacção do *Matin*, de Paris, chamou-lhe no seu curiosíssimo livro *Sa majesté la presse* a abelha-mestra. Com efeito, ele era e é o fulcro do jornal. À sua mesa vai parar tudo; é ele quem reúne os fios da meada tantas vezes de aparência inextrincável; é ele que tem de pôr disciplina e equilíbrio no que sai da pena dos colegas, quer submetendo-os à linha política geral, quer valorizando o que lhe parece melhor para impressionar o público; é ele, em certa medida, o pára-choques do director; é ele que mantém contacto intenso com as outras secções da folha. Como disse Stephane Lausanne, é a abelha-mestra. E Eduardo de Noronha, perfeitamente dentro do «métier», foi um secretário de redacção completo, pois nem lhe faltou através de toda a sua longa vida o «charme» de conquistar amizades, o bom senso, a agudeza de vista sobre os acontecimentos, a predilecção pelo cavaco que ele cultivou como raros, e um bom humor saudável e cortês porque foi, essencialmente, um distinto homem de sociedade” (Pereira, 1960: 11-12).

A busca do equilíbrio numa redacção de jornal teria um curioso contraponto na seguinte observação de Eduardo Noronha: “Com receio que durante a sua ausência alguém introduzisse no *Correio da Noite* doutrina contrária aquela que até aí expandida por ele [Emídio Navarro], confiou a Barbosa Colen a missão de se postar de atalaia, de modo que os contrários não arranjassem inteligências na praça” (Noronha, 1913a: 51). Quando, um dia, apareceu um artigo de Mariano de Carvalho, favorável a Fontes Pereira de Melo, Colen procurou aquele

jornalista e político para que retirasse o texto. Muito ligado a Navarro, Carvalho compreendeu e cumpriu a sugestão. O receio era, portanto, evitar que fizessem política dentro de um jornal criado com outros objectivos. Tal estratégia era resultado da pouca consistência da estrutura empresarial, pois aceitavam-se colaborações gratuitas sem cuidar de saber os interesses em jogo, naquilo a que hoje chamaríamos lóbbies.

Uma peça fundamental do jornal era o editor, o qual aparecia no cabeçalho do jornal a seguir ao director, enquanto do outro lado do título surgiam o secretário e o administrador. Se ao director se reservava o espaço redactorial do artigo de fundo, o editor tinha a tarefa de distribuir tarefas na redacção e escrever, enquanto ao secretário se acometiam funções administrativas internas. No tempo de Barbosa Colen como director, após o desaparecimento de Emídio Navarro, secretário e administrador coincidiram no mesmo colaborador (Melo Barreto, que chegaria a director após Colen).

Já Trindade Coelho (1897) não apreciava a função de editor. Para este jornalista e homem das letras, em proposta de liberdade de imprensa apresentada a congresso de direito penal, a legislação de 29 de Março de 1890 alterara erradamente o sentido da responsabilidade criminal, ao atribuir ao editor, para além do autor do texto jornalístico, a imputação em delitos de liberdade de imprensa. De acordo com Coelho, e conforme se observa a seguir, o editor seria o principal responsável pelo que se escrevia no jornal, parecendo ter mais poder que o director:

“[o] editor não passa de uma mentira convencional [...]. Em princípio, eu sou contra o editor, porque o reputo, além de uma inutilidade, uma imoralidade. Tal como hoje existe, o editor, em geral, não passa de um mercenário analfabeto, alugado, como uma coisa, para o repugnante papel de ir para a cadeia. [...] Além de ignorarem tudo quanto se publica no jornal cuja responsabilidade assumiram, e de não terem na própria casa do periódico a mínima ingerência, visto que pela natureza ínfima e degradante do seu papel os editores são estranhos ao convívio da redacção, e só ali entram casualmente ou se os mandam chamar, sendo reputados pelos criados e serventes da casa, menos do que eles” (Coelho, 1897: 5-7).

A profissionalização era um tema em discussão. Havia quem dividisse os jornalistas em dois tipos – como o fez Veloso (1911b: 8-9) –, o primeiro dos quais era o “jornaleiro” da imprensa, que vivia como profissional em busca de um salário. Já o outro tipo era alguém que professava nos artigos “a boa doutrina, lições proveitosas para instrução e educação do povo, constituindo-se, no exercício deste como sacerdócio”. E, certamente, haveria muitos no segundo tipo, como advogados, homens políticos, proprietários, professores e a pequena

burguesia dos serviços. Das qualidades e atributos, o mesmo escritor, juriconsulto e bibliófilo enumerava as seguintes: conhecimentos humanos e de ciências sociais, “a mais atenta e criteriosa observação das coisas e factos políticos, na acepção mais levantada do termo, e ânimo desprendido de afeições e paixões e isento de conveniências e interesses, só e tão só obedecendo em seus juízos à voz da própria consciência e às leis reguladoras do mundo social” (Velo, 1911a: 9-10).

A sala de redacção costumava ser um local de grande algarviada (Barros, 1944: 14), onde emergia a figura do director. Por exemplo, Emídio Navarro escrevia rapidamente o seu artigo de fundo em tal confusão – meia hora chegava-lhe. Muitas vezes, por falta de ideias para o seu artigo de fundo, Emídio Navarro oferecia um “pinto” ao redactor que o ajudasse a dar um tema. As redacções dos jornais adquiriam um movimento interessante durante as crises partidárias e em vésperas de quedas dos governos (Noronha, 1913a: 314). Sobre Emídio Navarro e o ambiente da redacção, Eduardo de Noronha escreveu em *Vinte e cinco anos nos bastidores da política* (1913):

“Às cinco horas da tarde, no momento crítico do fabrico da gazeta, é quando mais afluem os *flaneurs*; quando aparecem os boletins das Câmaras, as informações dos ministérios, as participações da polícia, as catástrofes do hospital, os telegramas da última hora, o relatório dos tribunais. É quando o chefe da oficina declara que não pode receber mais original; quando se torna necessário proceder à selecção das provas do que deve ficar para o número imediato, porque as quatro ou seis páginas estão cheias.

“O jornal está pronto, falta o artigo de fundo. [Então, Navarro] Vai de um jacto, sem hesitações, rápido, quase sem entrelinhas. [...] retoma a pena, os quartos enchem-se, e, em dez minutos, conclui uma dessas objurgatórias que hão de ficar sempre como um modelo de polémica, cheias de fogo, retumbantes, cinzeladas, vazadas em moldes literários, a revelar as faculdades tipicamente excepcionais do seu autor” (Noronha, 1913a: 293-294).

Um outro jornalista das *Novidades*, José Barbosa Colen, corroboraria a visão das decisões do director:

“[é] pelas 2 da tarde que ele chega às *Novidades*. Sobre a sua banca encontra as cartas e manuscritos que para ali lhe dirigem. Há gente que lhe escreve de todos os cantos do país – e até de alguns recantos do estrangeiro. Uns dirigem-lhe louvores entusiásticos, outros endereçam-lhe descomposturas furibundas. [...] Vistas as cartas e os escritos para publicar que acompanham algumas, Emídio Navarro faz a leitura dos jornais estrangeiros. [...] depois de catar aos que vão chegando as notícias que cada um sabe – e que alguns vão revelando insensivelmente, sem muitas vezes se aperceberem da reportagem

em que colaboram, arma-se o tabuleiro do xadrez. Travam-se ali batalhas renhidas e largas! Chega-se assim às 5 horas, alguns dias às 6 da tarde, e do artigo para as *Novidades* não há uma letra escrita! Quando não há já um minuto a desperdiçar, quando a implacável necessidade fecha a porta à última delonga, o jornalista abanca, afinal, e, com uma rapidez inconcebível, o artigo é feito” (*Novidades*, 17 de Agosto de 1905).

Nos anos finais do século XIX, sobrevieram momentos de censura. Por isso, como descreveu Noronha (1913), “À porta da casa da venda de qualquer jornal, três ou quatro homens da *secreta*, o Fagulhas, o Sacarrão, etc., de grossos bengalões suspensos dos braços, bigodes hirsutos, chapéus moles e caras de poucos amigos. Logo que o primeiro número saía da máquina, corria ao governo civil, mostrava-o ao juiz Veiga e aguardava ordens. Por vezes ou este não estava ou a leitura demorava, e então começava a venda do periódico censurado. A garotada, alegre e irrequieta, à medida que ia recebendo os maços, largava-se em corrida desenfreada pelas ruas fora, gritando a quanto os pulmões podiam dar, mal tendo tempo de receber a importância da folha” (Noronha, 1913a: 318-319). A vigilância da polícia podia abrandar: “À noite, nos cafés, à porta dos estabelecimentos, vendiam-se os números por preços que variavam conforme a quantidade que escapara à colheita. Viam-se então as diversas pessoas em redor das mesas a ler sossegadamente o que o governo e a polícia queriam ocultar. Cá fora, os bufos, olhando de soslaio, não se atrevendo a entrar” (Noronha, 1913a: 320).

Uma questão em discussão – embora não extensível a toda a classe – era a formação do jornalista. Segundo Trindade Coelho, que foi jornalista das *Novidades* e também exerceu a actividade de agente do Ministério Público, era necessária a criação de uma escola anexa ao curso superior de Letras ou nas sedes das associações de jornalistas de Lisboa e Porto. Da criação dessas escolas, “mais do que toda a legislação sobre liberdade de escrever, depende, no futuro, a correcção da imprensa periódica. Não me cansaria de o repetir; e, bem assim, que é inadmissível e absurdo que a mais nobre das profissões, e porventura a mais complexa, seja a única, precisamente, para que não se requer aprendizagem” (Coelho, 1897: 11).

## 5. Conclusões

O jornalismo de finais do século XIX e começos do seguinte pode caracterizar-se por uma transição de ordem social, cultural e profissional, que inclui o ganhar de importância do jornalismo factual, em detrimento do jornalismo partidário, fixação de vocabulário específico (entrevista, inquérito), combinação entre artesanato e actividade precisa, constituição de grupos de classe.

O texto debruçou-se especificamente na primeira série do diário *Novidades* (1885-1913), nas secções mais emblemáticas e em alguns dos seus mais conhecidos profissionais. O artigo de fundo, a grande marca do jornal, era escrito pelo director ou, mais tarde, por convidados ou por indivíduos especialistas em dada matéria ou que gostavam de alimentar boas polémicas. Já as rubricas de casos do dia eram distribuídas pelos redactores e por escritores próximos do jornal e do seu director. Houve ainda tempo para analisar a importância da publicidade no conjunto das páginas do jornal.

### Notas

<sup>1</sup> Lourenço Cayolla retirar-se-ia da política após a implantação da República mas aderiu depois à União Nacional, de Salazar, certamente por influências do filho José (desde cedo ligado ao grupo vitorioso na ditadura de 1926).

<sup>2</sup> Em 1913, o jornal cessou a edição diária, passando a publicar-se uma a duas vezes por ano, para manter a propriedade do título. Com a edição de 6 de Dezembro de 1921, passava para a direcção de Eduardo de Noronha, um número muito radical, até ser comprado pela Igreja Católica em Novembro de 1923, no que é designado habitualmente como o começo da segunda série do jornal, com Tomás de Gambôa como redactor principal.

<sup>3</sup> O primeiro secretário de redacção das *Novidades* com nome impresso foi Armando da Silva, que aparece no cabeçalho ao lado de José Barbosa Colen como director no dia 3 de Agosto de 1891, quando Emídio Navarro seguiu para Paris, para tomar conta da embaixada portuguesa, deixando vago o lugar no jornal. Colen conta, no jornal *Novidades*, a história da passagem por altura da morte de Navarro em 1905.

### Bibliografia

- Barros, Pedro Amor Monteiro (1944). "Emídio Navarro". *Separata de Discursos pronunciados na sessão comemorativa dos centenários de Anselmo de Andrade e de Emídio Navarro*. Instituto Superior Técnico (18 de Janeiro de 1944)
- Cayolla, Lourenço (1929). *Revivendo o passado*. Lisboa: Imprensa Limitada
- Coelho, Trindade (1897). *Liberdade de imprensa. Proposições apresentadas ao Congresso da União Internacional de Direito Penal*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand-José Bastos
- Noronha, Eduardo (1911). *À porta da Havanesa*. Porto: Magalhães & Godinho
- Noronha, Eduardo (1913). *À esquina do Chiado*. Porto: Magalhães & Godinho
- Noronha, Eduardo (1913a). *Vinte e cinco anos nos bastidores da política*. Porto: Companhia Portuguesa Editora
- Pereira, Acúrcio (1960). "Homenagem a Eduardo de Noronha". *Separata da Revista Municipal*, 83
- Veloso, Rodrigo (1910). *Jornalistas portugueses. II. Emídio Navarro*. Lisboa

Veloso, Rodrigo (1911a). *Jornalistas portugueses. III. Conselheiro Mariano de Carvalho*. Lisboa: Tipografia Minerva

Veloso, Rodrigo (1911b). *Jornalistas portugueses. IV. Barbosa Collen*. Lisboa: Tipografia Minerva

### **Jornais**

*Novidades* (1885-1923)